

**O SENTIDO DA
HESITAÇÃO NO
CONTEXTO DA
PÓS-VERDADE**

THE SENSE OF HESITATION IN
THE POST-TRUTH CONTEXT

EL SENTIDO DE LA VACILACIÓN
EN EL CONTEXTO DE POST-
VERDAD

Lúcia Schneider Hardt^{1, 2}

RESUMO

Sempre estivemos excessivamente preocupados com a verdade. De início, verdades religiosas, depois científicas e hoje aquelas que necessariamente devem conferir com nossas convicções. Assim, a verdade aproxima-se também da mentira. Para todos os tempos, parece, precisamos reaprender o sentido da hesitação. Um sentido que evita a pressa, oferece ao tempo outra forma de fazer acontecer a vida, oferece aberturas, rachaduras, rasgos que merecem mais atenção para serem compreendidos. Hesitar, suspender, aguardar. Ruminar é necessário, precisamos reaprender a nos apresentar indagando, perguntando. O diálogo é a forma artística mais clássica da filosofia. Nietzsche retoma o diálogo como ferramenta filosófica não para fazer triunfar uma ideia, mas mostrar uma disposição para pensar, insinuar respostas. Reconhecer as sinuosidades de

¹ Professora associada da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutorado e mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduada em História pela Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Formação de Professores, atuando principalmente na área de filosofia e teorias da educação. Atua em cursos de formação de gestores e coordenadores pedagógicos por meio da escola de gestores em uma efetiva parceria entre MEC, UFSC e UNDIME. Desenvolve pesquisas a partir de Nietzsche. Participa do Grupo de pesquisa GRAFIA no qual coordena um sub-grupo: Bio-Grafia/Nietzsche. E-mail: luciashardt@gmail.com.

² Endereço de contato da autora (por correio): Universidade Federal de Santa Catarina, EED. Rua Roberto Sampaio Gonzaga s/n, Trindade, CEP: 88040900 - Florianópolis, SC – Brasil.

qualquer orientação. Enfim, a hesitação como expressão de uma outra formação humana.

PALAVRAS-CHAVE: Hesitação; Formação; Diálogo.

ABSTRACT

We have always been overly concerned with the concept of truth. Initially religious truths, then scientific and currently those that must necessarily confer with our convictions. The the concept of truth is thus close to the concept of lie. In any historical time we need to relearn the sense of hesitation. A sense that avoids any haste, offers another way of making life happen, offering openings, cracks, tears that deserve more attention in order to be understood. To hesitate, to suspend, to wait. Ruminating is necessary, since we need to relearn a way to present ourselves by asking, questioning. Dialogue is the most classic artistic form of philosophy. Nietzsche retakes the dialogue as a philosophical tool not to make an idea triumph, but to show a willingness to think, to insinuate answers. To recognize the windings of any orientation. Finally, hesitation is an expression of a different human formation.

KEYWORDS: Hesitation; formation; dialogue.

RESUMEN

Siempre hemos sido demasiado preocupado con la verdad. Inicialmente verdades religiosas, a continuación, científicas y en la actualidad los que deben conferir necesariamente con nuestras convicciones. La verdad se acerca a lo que la mentira. Para todos los tiempos, al parecer, hay que volver a aprender el sentido de vacilación. Un sentido de que evita las prisas, el tiempo ofrece otra manera de hacer que suceda la vida, ofrece aberturas, grietas, roturas que merecen más atención para ser entendido. Duda, suspender, espere. Ruminar es necesario, tenemos que volver a aprender a presentarnos pide, pide. El diálogo es la forma de arte clásico más de la filosofía. Nietzsche reanudar el diálogo como una herramienta filosófica no es ganar una idea, sino mostrar una



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p70>

voluntad de pensar, insinuar respuestas. Reconocer los meandros de cualquier orientación. De todos modos vacilación como una expresión de otra formación humana.

PALABRAS-CLAVE: La Vacilación; Formación; El Diálogo.

Recebido em: 05.10.2017. Aceito em: 01.12.2017. Publicado em: 01.01.2018.

Dúvida e hesitação - parceiras do pensar

A hesitação convive com a dúvida. Toda pressa é indecente, pois impede a dúvida. Em grande parte, a filosofia trava uma luta contra a pressa para poder pensar. Uma estratégia para pensar foi o diálogo, que coloca em movimento a dúvida. Aprendemos com Sócrates e Platão a necessidade de buscar melhores respostas, capturadas pelos múltiplos deslocamentos da dúvida. No diálogo, a ênfase está na busca da verdade, enfrentar a ignorância, identificar o não sabido.

Com o diálogo clássico começa a grande empreitada da verdade que se estende até nossos tempos. Somos seduzidos pelo gosto da verdade que muito rapidamente faz uma aliança com nossas convicções. Hoje tudo balança, mas desejamos acreditar e defender algo que se fixa no tempo. Para materializar isso, parece, buscamos aliados e nessa direção as estratégias implicam criar multidões que encenam o consenso. Encenam uma versão da história para convencer, classificar o que é bom e o que é mau.

Mas vamos por partes. Primeiro enfrentar as travessias da verdade. A filosofia sempre esteve preocupada com ela, e como vimos transitou entre a vontade de apresentá-la aos demais e, por vezes, a indignação em vê-la sempre sendo afirmada. Para Nietzsche, será preciso de fato hesitar diante dela para escavá-la, abordá-la por todos os lados e criar novas possibilidades diante dela. Em alguns momentos o excesso de crença nela, e, por outro lado, a banalização de sua análise. Nas conferências que Nietzsche profere sobre os estabelecimentos de ensino na Alemanha já denuncia duas tendências nefastas para a formação humana: a tendência à ampliação cada vez maior da cultura, querendo apressadamente alcançar a todos, e a tendência à redução da cultura

através da especialização. Esta última supervalorizando o “cientista”, que estaria acima de todos e faria aparecer o erudito que nem sempre vincula seus conhecimentos com a vida.

Nessas condições de formação, segundo Nietzsche, o que surge é a mediocridade; de um lado da expansão irresponsável e até inadequada, e, de outro lado, um suposto saber erudito abrigado em uma suposta verdade conquistada. Tais condições de formação, para Nietzsche, vão produzir uma espécie de barbárie cultivada. Reclama também nosso filósofo de uma pedagogia tosca, incapaz de ver que o “processo de educação exige a mais delicada das técnicas que poderia existir numa arte, a técnica da formação cultural” (NIETZSCHE, 2003: 11).

Nietzsche denuncia uma crise da educação em seu tempo que atravessa alunos e professores que já não conseguem mais assegurar um cuidado demorado para dialogar com o conhecimento. A massificação e universalização da cultura acabaram por produzir um excesso que aprisionou os sujeitos em uma relação com o Estado, que oferece emprego e segurança. Nietzsche está analisando um tipo de instituição, não analisa nem critica aquelas instituições dirigidas ao ensino técnico. Defende, portanto, que o ensino superior deva ser mais seletivo e livre das exigências do Estado. Nietzsche não nega uma educação para a sobrevivência (escolas técnicas), mas defende que a cultura superior depende, em certa medida, de livrar-se do mundo das necessidades. Em sua trajetória como filósofo, cada vez mais Nietzsche vai defender um processo de formação que deveria ser realizado por um ser singular na construção de sua individualidade.

O que quer o diálogo?

Seria uma contestação da lógica das massas e da universalização? As multidões estariam negadas? A dimensão estética e autocriação artística não necessita de um tempo e trabalho mais solitário e silencioso? Talvez. Existem vários indícios para pensar isso com Nietzsche. Como resolver isso contemporaneamente é nosso problema. Especialmente quando nos sentimos mais belos e fortes aconchegados em grupos que têm as mesmas convicções que nós. Nesses entornos não existe tempo para a hesitação. Qualquer gesto de hesitação já é uma demonstração de covardia. O burburinho sempre está à espera de nossa voz, ele quer mais um para fortalecer a presença e fazer andar uma ideia, uma luta, um projeto. O diálogo, também em Nietzsche, deseja outra coisa.

Um dos elementos centrais da crítica de Nietzsche à modernidade é a pretensão de igualdade que em certa medida falseia o mundo para enquadrá-lo em nossas convicções. A prática da defesa de convicções busca aliados o que resulta na ausência de pensamento próprio, original. Surge o homem de rebanho que prima por ideias vulgares. A linguagem, assim, só adquire consistência quando deseja acessar a comunicabilidade e igualar argumentos.

Mas a hesitação seria uma espécie de incapacidade de apresentar-se ao mundo? Estar sempre na confortável posição de não afirmar a vida? De novo nosso filósofo é um exemplo do contrário disso: sua filosofia é uma dinamite. Produziu todo tipo de afirmação, reação e contestação. Não escolheu o lugar confortável para habitar, mas não correu atrás da primeira aparição de verdade. Parece temos algo a aprender aqui. Existe na filosofia de Nietzsche uma provocação para pensar a partir da tensão entre o *"sim"* afirmador e o *"não"* crítico" (CRAGNOLINI, 2011:133). Equivocadamente, alguns supervalorizam o

sim afirmador chegando a definir Nietzsche como um pós-moderno. Contudo, está presente nessa orientação a não compreensão do que seja o aspecto afirmador no filósofo e menos ainda a força de seu pensamento crítico, que nasce sempre de uma capacidade de ruminar sobre os problemas.

Fischer (2016), na Anpedsul (2016), destacou a necessidade de aprender a problematizar e não polemizar. Apoiada em Foucault, sugere que todo pesquisador deveria preservar sua capacidade de levantar problemas, saber defini-los e saber caminhar com eles buscando alguns encaminhamentos. Segundo a pesquisadora:

A vida recente do País, com os acontecimentos políticos dos quais somos partícipes e testemunhas cotidianas nos últimos meses, tem evidenciado a opção pela polarização radical dos pontos de vista sobre o que nos sucede. Observam-se posicionamentos quase religiosos – como se cada um determinasse pontos de dogma intangíveis na transgressão moral do outro, o adversário. Os outros, em princípio, serão aqueles que fatalmente erram, manifestam apegos e fraquezas, merecedores de exclusão, de julgamento, em suma, de culpabilização. Já em termos jurídicos, como lembra Foucault (idem), as polêmicas se caracterizam drasticamente por elidir o interlocutor: denuncia-se o delito, a infração, e lança-se o outro na mais completa condenação. E em se tratando do olhar político, polemizar diz respeito à busca de alianças, partidarismos, coalizões – no sentido de propor-se um tipo de organização da vida e das relações, ocupado de modo bem específico em definir o inimigo, o portador de interesses opostos – e contra ele se reúnem forças, capazes de submeter esse outro indesejado, a ponto de querer até que ele desapareça (2016:1-2).

Segundo a autora, estamos seduzidos pela polêmica e andamos nos afastando da problematização, que implica um afastamento, tomar distância das coisas para pensar e perguntar de todos os modos por aquilo que nos move. Sem pressa, sem prévias posições, de fato estar disposto a cercar uma pergunta de todos os lados. Por vezes, olhar o objeto longe da multidão, o que não significa ficar longe do mundo.

E como Nietzsche faz sua crítica?

Quando tomamos um autor para pensar e apreciamos suas ferramentas de análise isso não significa que ele se encaixe em todas as nossas preocupações. Sempre rondam inadequações, não compreensão de como levá-lo a todos os lugares para esclarecer. Sempre resta algo de indigesto em nossas âncoras teóricas. Contudo, existem também ideias força que parecem dar conta de ficar ao nosso lado enquanto pensamos o mundo. Em Nietzsche essa ideia força parece ser sua capacidade de fazer a crítica, de suportar tensionamentos, de suspender o tempo para pensar e ruminar. Segundo Cragolini, a filosofia da tensão implica um pensamento, que coloca para si uma tarefa, qual seja:

Uma força que constrói interpretações e as desarma e volta a armá-las, segundo as circunstâncias e as necessidades. Significa a capacidade de gerar "respostas" para um presente que não pode ser aceito assim "no mais", e para erradicar essa sorte de consideração "fatalista" do *amor fati* que termina por constituir a filosofia em jogo estéril, sem capacidade crítica; porém significa também a possibilidade de deixar de lado essa outra redução do pensar que o transforma em puro rechaço destrutivo, incapaz de gerar algum conceito afirmativo. (CRAGNOLINI, 2011:135).

A crítica de Nietzsche reage a um pensar racional que deseja sempre alcançar algum fundamento, soluções últimas a qualquer problema, não suporta a inquietude e a provisoriedade. Não suporta a hesitação e quer sempre marcar território. Talvez outra racionalidade nos oferte uma visão perspectivista, e de saída já admitiremos o alcance e o limite deste olhar e dessa crítica. Em *Aurora*, Nietzsche afirma:

Onde os homens das primeiras eras colocaram uma palavra, acreditavam haver realizado um descobrimento. Como na verdade é

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p70>

diferente! Tocavam num problema, e acreditavam tê-lo resolvido, mas o que haviam feito era dificultar a solução. Agora para atingir o conhecimento, é preciso tropeçar-se constantemente com palavras que se tornam eternas e duras como pedras, tanto que é mais fácil quebrar uma perna que quebrar uma palavra (NIETZSCHE, 2008:44).

Nietzsche afirma que as palavras travam nosso mundo, pois já contêm em si uma verdade e quando as usamos continuamos insistindo com essa análise. Também com as palavras é preciso iniciar um combate. Elas, quando fixas, impedem pensar, reproduzem sentidos que podem ganhar novos temperos. Não significa não confiar mais nas palavras, mas ter disposição para revisitá-las e conferir se os sentidos ainda conversam com nossos problemas. De alguma forma o empreendimento genealógico de Nietzsche implicou descer às profundezas dos terrenos semânticos para minar e examinar uma antiga confiança na moral, tida como o terreno mais sólido e justo. Uma confiança na moral que produziu um tipo específico de gosto pelo poder.

Qual dimensão política está em Nietzsche?

Os grandes conquistadores, afirma Nietzsche, tiveram sempre a linguagem patética da virtude como aliada. O poder amplia-se reunindo os supostos virtuosos que já alcançaram o mundo dos justos e dos bons. Não hesitam em conclamar para a luta, pois ela é indiscutível, resta apenas buscar aliados. De outro lado, certas expressões são vistas como disparatadas, perigosas, indigestas. Se certas palavras estão mais duras que pedras, outras não podem ser usadas, estão proibidas pela suposta inconveniência. A expressão "animal de rebanho", equiparada à democracia, é expressão sem lugar em um mundo compreendido como politizado. Vontade de potência, necessidade de domínio são palavras indigestas para o momento. Na tentativa

de negar qualquer perspectiva política, em Nietzsche está um profundo desacordo com suas ideias. Contudo, muitos defendem Nietzsche como um filósofo preocupado com a política, capaz de fazer uma crítica tão forte que, por vezes, as pessoas preferem ignorar. Segundo Sancho, em Nietzsche existem várias expressões que marcam uma crítica sobre a política:

[...] “o poder torna estúpidos os homens...”; “a política devora toda seriedade para as coisas verdadeiramente espirituais”; “a cultura e o Estado [...] são antagonistas: o ‘Estado de cultura’ não passa de ser uma ideia moderna. Ou um vive do outro, ou um prospera às custas do outro. Todas as épocas grandes da cultura são épocas de decadência política: o que é grande no sentido da cultura tem sido apolítico, inclusive antipolítico”. “Se esqueceram que a educação, a formação mesma – e não o Reich – é a finalidade, que para lograr essa finalidade são precisos educadores – e não professores de Instituto e doutos de Universidade... Há necessidade de educadores que tenham educados a si mesmos, de espíritos superiores, aristocráticos. [...] Faltam educadores, primeira condição prévia da educação: daí a decadência da cultura alemã”. O “adestramento” que oferecem as “escolas superiores” a serviço do Estado vai contra a “primazia humanística”. (SANCHO, 2015:88).

Acreditamos ser possível, tal como Sancho, defender a dimensão política em Nietzsche, ela já se inicia quando o filósofo luta contra o dogmatismo, inaugurando sua filosofia perspectivista. A citação acima, de fato, está constituída do próprio texto de Nietzsche quando aborda a questão da política. Segundo Sancho, assim como existe uma versão que não vê em Nietzsche a dimensão política, temos a “surpreendente interpretação do pensamento político de Nietzsche como defensor da democracia” (SANCHO, 2015:91). Assim:

Os novos intérpretes não ignoram as declarações abertamente antidemocráticas de Nietzsche, mas descobrem certas características de seu pensamento que poderiam correlacionar com a democracia:

um certo agonismo democrático através de uma competição discursiva, um perspectivismo convertido em antifundamentalismo para defender o pluralismo. Afinal, a democracia viria a ser entendida como uma forma de pluralismo agonístico, no qual o valor da excelência aristocrática poderia incorporar-se à vida democrática (SANCHO, 2015:91).

Sancho relaciona autores (por ex.: Hatab) que defendem esta perspectiva em Nietzsche e nos provocam a pensar o que está exposto e dado como válido para a definição do que seja a democracia, dando a entender que outros ingredientes também são necessários. Para Nietzsche, na modernidade, nos deparamos com a pequena política, revestida de conluios, interesses escusos do Estado, barbárie cultural e indiferença ao indivíduo. O que é defensável é uma espécie de grande política constituída por outros temperos. Assim:

Em contraposição à pequena política, a "grande política" se dirige à transformação das condições culturais que aclimatam a ação política, a transvalorização de todos os valores. No estudo de MacIntyre, a filosofia de Nietzsche aparece como uma resposta à pergunta de qual política e de qual compreensão do político é adequada a uma modernidade que já não pode recorrer a uma legitimação de sua práxis política a nenhuma evidência metafísica. O núcleo da filosofia política de Nietzsche contém um sentido dionisíaco da alegria, como o "sim" de Zarathustra. Sua competência política central é a capacidade para a alegria no presente, que se afasta de todo projeto utópico e de todo ressentimento retrospectivo. A alegria soberana afirma o reino do devir em cada momento. Os materiais da "grande política" são: hierarquia, criação, além-do-homem e vontade de potência. A hierarquia responde a uma distinção entre indivíduos criadores de valor e aqueles que regem sua ação por valores estabelecidos, entre homens "superiores e "bons". Ambos os tipos são necessários e convertem a sociedade em um conflito político-cultural entre inovação e conservação, que não pode ser silenciado por nenhuma ordem "última". A criação [Züchtung] é o cultivo do indivíduo como tarefa infinita de autossuperação. A vontade de potência é mera vontade de domínio, porque, segundo MacIntyre, nunca simplesmente "é", mas "sempre vem a ser"; é o contrário da conservação, desperdício soberano. O além-do-homem é o superador de todo

projeto referido a um fim, especialmente do projeto de domínio. (SANCHO, 2015:94).

A relação de Nietzsche com a política é muito “contraditória” e repleta de ambiguidades, isto é preciso admitir. Ele mesmo é contraditório em muitas de suas afirmações. Apesar disso, seu leitor e os melhores comentadores ao longo do tempo conseguiram estabelecer boas análises para ver em Nietzsche sua dimensão política. Não é, contudo, uma política das multidões e também por isso é um ponto “frágil” de nosso filósofo, sendo muito atacado e desmerecido nesse campo. Sua luta é contra uma outra suposta grande política movida pelos Estados, interessados em abocanhar os indivíduos e aprisioná-los em função dos seus interesses. Surge uma ação política estúpida, interessada apenas na sobrevivência capaz de tudo fazer para manter seus objetivos. Os nacionalismos têm um tanto disso, não enxergam um mundo além-fronteiras, apenas seus interesses e o que mais desejam é fazer progredir uma nação. Tem uma enfermidade aí, uma miopia que não mais quer ver além do seu próprio horizonte limitado. Estamos atualmente cercados desse mal-estar que promete segurança e proteção.

A grande política no entorno da defesa de Nietzsche implica a transvaloração dos valores, criando formas de poder para mudar os sentidos e as perspectivas de domínio sobre a terra. Segundo Sancho:

não basta a democracia para chegar a ser livre, nem pode servir de horizonte utópico nem de canon crítico para orientar a vida política; a bem da verdade, produz náuseas em certa sensibilidade, porque degenerou os instintos e as instituições, obstruiu o futuro da humanidade. De maneira que, para abrir-se a uma nova aurora, haveria que ir “para além da democracia”. (SANCHO, 2015:105).

A afirmação acima mostra como uma palavra (democracia) não comporta todas as possibilidades da política e tal como afirmamos anteriormente, nem as

palavras merecem toda nossa confiança. Outras poderão vir para anunciar outras possibilidades de vida política. A grande política quer enfrentar as enfermidades do homem moderno e indaga: Como superar a nossa própria realidade? Como qualificar nossos desejos? Para que deve ser criado o homem? Como há de ser administrada a terra? Quais os perigos que precisamos enfrentar? As possibilidades de vida humana não estão esgotadas, como então fazê-las aparecer? Diante de tantas questões não está ainda a verdade, mas a necessidade da hesitação para oferecer a nós, humanos, um tempo para ruminar.

Vale destacar o que Sancho nos diz:

Nietzsche quer forçar a humanidade a resolver-se sobre a questão dos valores que regem as formas de vida. Essa tarefa transvaloradora determinará a nova configuração do mundo e a esperançosa formação do homem. Mas a nova orientação dos valores implica revolucionar, desde sua raiz, as ideologias político-econômicas vigentes e a educação futura. Nietzsche contribui assim para ampliar o horizonte da racionalidade política, porque coloca a questão de seu sentido, com o qual transcende a "pequena política". De modo que a "grande política" oferece a versão política de sua filosofia prática. (SANCHO, 2015:109).

Talvez todo progresso que esteja delineado em determinada visão da política deva ser revisto. Retomando a definição de "pós-verdade", que é uma espécie de um adjetivo "que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais", talvez a política tenha também se convertido em um tipo específico de emoção e crença e, apesar de outras possibilidades serem possíveis, insistimos com a mesma. Se no contexto da pós-verdade existe uma indiferença com o efetivo dos fatos, somos capazes de

continuar recitando sobre a política sempre outra vez e de igual forma sem perceber o limite dessa afirmação. Segundo Nietzsche, o domínio da humanidade não tem como finalidade uma suposta “felicidade” previamente arranjada e planejada, o que está em jogo é deixar de ser o que já somos, recusar práticas e convicções e num esforço de um contramovimento alargar o horizonte da “superação” pela “elevação” do homem e para a transfiguração de sua existência.

Também Viesenteiner (2006) faz uma análise da política em Nietzsche. Define com clareza que a grande política não corresponde às práticas e ideias da política institucional, da “política de gabinete”, nem a quaisquer vertentes políticas, movimentos nacionais e regimes de governo, pois o que fica destacado na grande política não é a nação, mas o homem mesmo, aquele que venceu a estupidez e a mediocridade produzida pela pequena política e, portanto, capaz de criar outros valores. Nesse sentido, julgamos que o anúncio do advento da grande política não deve ser entendido como um momento de redenção para tudo explicar, objetiva, por outro lado, enfrentar o que está estagnado, produzindo a inquietude em meio ao rebanho tão convencido do mesmo.

Voltemos assim para as “tensões do sim e do não” indicadas por Cragolini, como um exercício de um pensar interpretativo que evita tudo concluir e também evita tudo refutar. Em nome dessas tensões de unir e desagregar está uma interpretação da vontade de potência que, segundo Cragolini, pode fazer aparecer uma razão imaginativa, que significaria:

Uma possibilidade de abarcar- sem síntese, mas sim em estado de tensão constante- ambos os aspectos: o universal e o singular, o estruturado e o desestruturado. Com essa noção de razão imaginativa

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p70>

é possível caracterizar o operar interpretativo e configurador da realidade da vontade de potência que, em dita tarefa, realiza constante movimento de aglutinação de forças em torno de um centro – estruturação – e de dispersão das mesmas – desestruturação – para novas criações de sentido. (CRAGNOLINI, 2011:143).

Por uma filosofia perspectivista

Isto é o próprio do perspectivismo, o constante deslocamento conforme a necessidade da vida. A tensão mantém as forças agregadoras e desagregadoras ao mesmo tempo, para arranjá-las conforme a necessidade de cada tempo. Contudo, não se trata de um deslocamento movido a excitação. Não é desejável uma reação imediata a qualquer estímulo. Nessa direção, Viesenteiner (2012), na análise do texto “o que os alemães estão perdendo”, do livro *o Crepúsculo dos ídolos*, nos desafia a pensar em como não reagir imediatamente a um impulso. Nessa análise, segundo o autor, a excitação descaracteriza a espiritualidade e produz a vulgaridade. Em outras obras Nietzsche já afirmou coisas distintas, mas volta a destacar a importância a aprender a ver, pensar, falar e escrever. Para isso é importante não reagir imediatamente. E reagir com pressa é cair nas armadilhas da pós-verdade. Mais do que os fatos, a análise e interpretação da realidade, vale aderir a algo, mostrar que tem posição, que já escolheu o lado que precisa estar. Figura aí uma excitação que só sossega quando se instala em algum lado.

Aprender a ver implica estar no mundo de uma forma muito singular. Significa deixar que as coisas se apresentem, permitir que o mundo se mostre, que as pessoas se revelem a nós. Evitar correr atrás do mundo apenas aplicando os conceitos que já estão disponíveis como se tudo já soubéssemos das turbulências da vida. E além de saber já escolhemos o justo lugar para habitar o mundo. É preciso voltar a ser lento, desconfiado, resistente, segundo Nietzsche.

Além de ver, o pensar precisa ser aprendido como uma dança, inicialmente reconhecer as medidas, os ritmos para alcançar a leveza e os pés ligeiros. Pensar implica movimentar-se, mas não compulsivamente, ou para qualquer lugar. Será preciso dar aos pés também nossa espiritualidade para que a dança coloque leveza e agilidade no seu movimento. A dança convoca uma ideia de nuance que, segundo Viesenteiner (2012:17), é “o desvio em relação ao conceito, uma vez que este último opera sempre com a vulgarização na medida em que fixa algo, retirando-o das condições do tempo”. É preciso ter dedos para nuances, deixar as portas abertas ao novo, não ter pressa em avaliar uma situação. A perspectiva vulgar anseia encontrar a si mesmo em tudo, quer instalar suas convicções em todos os espaços. O texto de Viesenteiner é muito perspicaz na leitura que faz de Nietzsche, desejando inclusive buscar uma orientação para pensar outra vez a formação humana. Se o ver e o pensar adquirem esta especificidade, são essas duas habilidades que podem encaminhar um falar e escrever considerando o aspecto performativo da linguagem. A escrita, portanto, deve buscar um estilo, potencializar a fala que antes de expressar-se, demorou-se no ver e pensar.

As palavras que faltam

Se a escrita deve buscar seu estilo, também no livro *O crepúsculo dos ídolos* Nietzsche mostra a fragilidade dos excessos da comunicação. Estar conectado, estar exposto o tempo todo, dizer de um lugar, apresentar convicções e confundi-las com uma suposta verdade, demonstra o lado medíocre da comunicação. As verdadeiras vivências, diz Nietzsche, “não são nada loquazes”:

Não poderiam comunicar a si próprias, ainda que quisessem. É que lhes faltam palavras. Aquilo para o qual temos palavras, já o deixamos para trás. Em toda fala há um grão de desprezo. A linguagem, parece, foi inventada apenas para o que é médio, mediano, comunicável. O falante já se vulgariza com a linguagem. (NIETZSCHE, 2006:78-79).

Daquilo que tanto falamos, e não hesitamos em falar, não conseguimos acessar vivências mais significativas, apenas medianas. O que pode ser belo e sofisticado não consegue ser revelado com pressa. As palavras faltam. A falta indica uma vivência forte e que ainda não tem palavras para revelar o vivido. A hesitação é uma cautela do espírito para ver, pensar, desviar-se do que já está dito para fazer fecundar outra escrita.

Chegamos outra vez ao foco de nosso texto, a provocação dada a pensar em seu início: sempre estivemos excessivamente preocupados com a verdade. E em nome dela já sabemos que palavras usar, quais recusar. Queremos falar daquilo que confere verdade às nossas convicções. Assim, a nossa suposta verdade aproxima-se também de uma suposta mentira. Para todos os tempos, parece, precisamos reaprender o sentido da hesitação. Um sentido que evita a pressa, oferece ao tempo outra forma de fazer acontecer a vida, oferece aberturas, rachaduras, rasgos que merecem mais atenção para serem compreendidos. Hesitar, suspender, aguardar, não ocupar compulsivamente espaços das redes sociais. Ruminar é necessário, precisamos reaprender a nos apresentar indagando, perguntando. O diálogo é uma das formas possíveis para cavar novas palavras, ver e pensar sobre outras vivências para escrever não para fazer triunfar uma ideia, mas mostrar uma disposição para pensar, insinuar respostas. Reconhecer as sinuosidades de qualquer orientação. Enfim, a hesitação como expressão de outra formação humana.

Será preciso cultivar em nós uma luta contra a estupidez, a vulgaridade, e para isso talvez tenhamos que ser mais lentos, desconfiados, recalcitrantes, evitar o mau gosto da pressa, sermos capazes de prorrogar a decisão, opinião e convicção. Viver a política hesitando em conclamar os outros para a luta, pois ela é discutível, aliados talvez sejam dispensáveis. Deixar de ser animal de rebanho, dar espaço para outra política. Para finalizar, reafirmo o que já foi indicado no texto de Viesenteiner (2012): segundo Nietzsche, o domínio da humanidade não tem como finalidade uma suposta "felicidade" previamente arranjada e planejada, o que está em jogo é deixar de ser o que já somos, recusar práticas e convicções e num esforço de um contramovimento alargar o horizonte da "superação" pela "elevação" do homem e para a transfiguração de sua existência.

Referências

CRAGNOLINI, M. Filosofia nietzschiana da tensão: a resistência do pensar. **Cadernos Nietzsche**, n. 28, 2011.

FISCHER, R. Problematizar a pesquisa em comunicação e tecnologias: questões éticas e poéticas. **Texto encomendado Eixo 11**. Anped Sul, 2016.

NEUKAMP, E. **As críticas do professor Nietzsche à educação de seu tempo**. Disponível em: <http://www.consciencia.org/nietzsche_educacao>. Acesso em: 21 mar. 2017.

NIETZSCHE, F. **Aurora**. Reflexões sobre os preconceitos morais. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Crepúsculo dos ídolos**. Ou como se filosofa com o martelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino. In: **Escritos sobre educação**. Tradução Noéli Correia de Melo Sobrinho. 5 ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio. São Paulo: Loyola. 2003.

SANCHO, J. C. A grande política. **Cad. Nietzsche**, Guarulhos/Porto Seguro, v. 36, n. 2, p. 83-116, 2015.

VIESENTEINER, J. **A grande política em Nietzsche**. São Paulo: Annablume, 2006.

_____. J. 'Aprender a ver, aprender a pensar, aprender a falar e escrever': condições integrantes do conceito de Bildung no Crepúsculo dos Ídolos de Nietzsche. In: DIEZ, Carmen Lucia. (Org.). **Instigar a pensar e a questionar: o sentido do ensino da filosofia**. 1ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2012, v. 1, p. 13-35.